



Foto Alice Brill

Casas, êles também precisam

Quantos homens são obrigados a viver em casas que constituem o "limite" das condições possíveis de vida humana? Quantos são os homens constrangidos a viver em condições incívís, jungidos à miséria, ao analfabetismo, à mortalidade, às doenças, à desmoralização e à incultura?

Quantos são os homens reduzidos à média de espaço de um metro quadrado por pessoa? O espírito anti-social que impele, possibilita, decide a construção de edifícios representativos, monumentais, retóricos, impede que se resolvam os problemas mais urgentes e categóricos. Da Itália meridional à Espanha e a Portu-

gal, das aldeias índias do Novo México às barracas da Arábia, aos aglomerados da Pérsia, às "favelas" tropicais, o problema da habitação do homem se torna sempre mais premente, cada vez mais urgente, apresentando-se sempre como fato de responsabilidade social.

Considerações absurdas e folclorísticas sôbre as necessidades reais do homem, leis e regulamentos retrógrados relativos à vida moderna, incompetência de supostos técnicos, baixo teor econômico, confusão política e desorganização da indústria edilícia, eis os obstáculos que a tódo instante entravam não a solução

mas até mesmo e primacialmente o ordem do dia de forma humana integral do problema.

Numa época de retórica, por exceção, quando o regime fascista moveu na Itália a política das arquiteturas retórico-coloniais, um anteteto da resistência da arquitetura moderna, mórto num campo de concentração nazista, Giuseppe Gano, estigmatizou a retórica da arquitetura monumental fascista com as seguintes palavras, motivadas por uma mentalidade não estranhamente política ou acomodante e doravante universal: "Vale mais a sarjêta de um bairro que um monumento".